

A L I C E
C A R V A L H O

Nordestina, geminiana, intensa... Alice é um compilado de coisas. Mas, como alguém que sente à flor da pele e que mergulha fundo em seus processos, se for para escolher uma só palavra para defini-la, não tem como pensar duas vezes: artista. É a arte que resume tudo e que define a trajetória de acertos e sucesso até aqui – e esse é só o começo

Por **Nívia Passos**

Fotos **Bruna Castanheira**

Styling **Caroline Costa**



Alice Carvelho usa vestido, **Marina Bitu**. Flor de bronze, **Daniela Cutait**



Blusa, calça, brincos e colar, tudo Gucci

"Acho que sou uma maluca com bom senso", brinca Alice Carvalho, entre risos, logo na primeira pergunta da entrevista, em que o questionamento é sobre como ela se descreveria para quem ainda não a conhece. Mas, em poucos minutos de conversa, antes mesmo de finalizar a resposta, que termina com a conclusão de que é "um ser ritualístico e muito imersivo", já deu para adicionar um tanto de adjetivos para completar a definição que ela mesma se dá. Para começar, Alice é intensa, no trabalho e na vida – que, como conta, se misturam a ponto de se tornarem quase a mesma coisa: "Eu quase não consigo falar de mim sem falar de trabalho. E, às vezes, pode ser exaustivo, mas é o que amo fazer, o que acordo pensando", conta.

Formada em artes visuais e atuando em diferentes vertentes do audiovisual – direção, roteiro e atuação, além de soltar a voz quando está na pele de algumas personagens –, ela é, de fato, arte pura. Artista de verdade, na definição mais exata da palavra. Mescla as próprias memórias com as das narrativas fictícias para ter a entrega que precisa; faz playlists específicas para ouvir antes de entrar em cena; e até lida com a saudade de casa, que está longe de ser pequena, para que a dor da distância não atrapalhe seus objetivos. "O processo artístico é realmente muito imersivo e eu faço a escolha de não voltar para minha casa [em Parnamirim]. Acho que sou tão apegada a minha família que, quando vou para lá...", fala e deixa a frase no ar, como quem ainda tenta elaborar esta que parece ser a parte mais difícil de sua profissão. Por fim, sem encontrar palavra exata para descrever a sensação, completa: "Eu experimentei isso durante as gravações de *Cangaço Novo*. Quando pisei em casa e vi minha avó fazendo pirão para mim, falei 'epa, vamos voltar ao trabalho, senão vou ficar mal acostumada aqui nessas 24h'".

Nascida em Parnamirim, no Rio Grande do Norte, Alice vem de uma família grande. De primos criados como irmãos, de celebrações aos domingos, de "puxões de orelha" que ela conta que fazem falta e, principalmente, de parceria na realização de sonhos. Ao falar sobre, é o avô quem ela destaca. Era ele que a ajudava a carregar o cenário das peças que iria apresentar lá no começo de tudo, e em quem viu o olhar que a fez ter certeza de que estava no caminho certo. "Muitas percepções que tenho na vida vêm pelos olhos dele, positivamente. Quando o vejo ficando impressionado, percebo que se trata de algo meio impressionante mesmo", reflete ao lembrar de quando se apresentou no Teatro Alberto Maranhão, em Natal, e viu a reação do avô na plateia.

Hoje, depois das brincadeiras da infância em que encenava novelas e das primeiras apresentações teatrais na adolescência, Alice vive o que olhos atentos já vislumbravam como seu caminho quando ainda era criança. Depois de estourar em *Cangaço Novo*, série do Prime Video que estreou em agosto deste ano, ela já embarcou em dois grandes projetos para o próximo ano: a nova versão de *Renascença*, no horário nobre da Rede Globo, e *Guerreiros do Sol*, do Globoplay. Ainda que tenha outros grandes objetivos para realizar, como o de atuar em outra língua para descobrir quem é como atriz quando não está falando português, se emociona ao ver tudo o que conquistou, tanto que não contém as lágrimas ao pensar no afeto inesperado que acompanha tudo isso: "É muito emocionante tudo o que está acontecendo e afaga a minha criança insegura, que morria de medo de abandono", entrega.

A seguir, conheça e se encante com Alice Carvalho. Que também é um pouco Dinorah, Joaninha, Oflíia e tantas outras personagens, do passado e do futuro, que compõem o seu todo.



Além de atriz, você é roteirista e diretora, atuou no teatro, na criação de webséries... Como foi esse seu encontro com o mundo das artes?

Foi uma coisa muito natural. Meu tio Antônio é uma figura importantíssima na minha vida, além de ser um grande instrumentista, uma referência. Mas eu nunca fui empurrada para esse caminho. Inclusive, o incentivo artístico que tive dele foi baseado no que um professor de teatro da escola disse devido ao meu comportamento hiperativo. Quando isso foi conversado em casa, ele arrematou: "Acho que essa menina precisa fazer algo que a ajude a se expressar para o mundo". É muito doido porque, quando paro e penso, não sei fazer outra coisa da minha vida. Queria ter uma máquina de "efeito borboleta" para ver quem eu seria se não tivesse cruzado com as artes, mas não sei se eu estaria bem. Talvez, para quem acredita em destino, já estivesse traçado de alguma maneira.

Em que momento você entendeu que seguir o caminho artístico viraria uma profissão?

Acho que quando fiz o meu primeiro espetáculo autoral, *Do Amor*, aos 15, 16 anos. Era um texto que eu tinha escrito e que era um esquete; depois cresceu e virou um espetáculo, cuja estreia fez lotar o teatro Casa da Ribeira. Outro episódio muito simbólico foi quando me apresentei no Alberto Maranhão, que é um teatro estadual emblemático no Rio Grande do Norte, e a fila dava voltas no quarteirão. Lembro de olhar para o meu avô e vê-lo assistindo a aquilo tudo. Muitas percepções que tenho na vida vêm pelos olhos dele, positivamente. Quando o vejo ficando impressionado, percebo que se trata de algo meio impressionante mesmo.

Quais artistas são as suas maiores referências na carreira?

Tem várias atrizes que fazem parte do meu arcabouço de referências – e parto das primeiras que vi em um palco lá no Rio Grande do Norte, que hoje são figuras reconhecidas nacionalmente: Titina Medeiros e Quitéria Kelly. Também tem duas outras pessoas que, no começo da minha adolescência, foram muito importantes e estavam no palco do mesmo Teatro Alberto Maranhão em um dos primeiros espetáculos que vi na minha vida: Ingrid Guimarães e Heloísa Périssé. Tenho amizade, respeito e admiração profunda pelas duas. Quando *Cangaço Novo* estreou, não esqueço da ligação de Ingrid, que me viu moleca, cheia de dúvidas, e me acolheu. Além delas, tem os meus pares, pessoas que me permitiram sonhar: Zezé Motta, Neusa Borges, Camila Pitanga, Taís Araujo, Sheron Menezes, Juliana Alves... Grandes atrizes com grandes personagens, que passaram por grandes desafios para estarem onde estão hoje. Também tem a Roberta Rodrigues, que lembro de ver em *Cidade de Deus* e ficar emocionada por fazer uma personagem com completa dignidade e crescer na carreira, sabendo que o que nos separa de outras atrizes que estão dentro de um padrão estético, de prosódia e de cor, é a oportunidade.

Você já falou sobre como a sua personagem em *Cangaço Novo*, Dinorah, te ajudou a elaborar o trauma do abuso sexual que você sofreu na infância. Antes mesmo da série, você já tinha usado seu trabalho para falar da experiência com o monólogo *Inkubus*, de 2018. Para você, de onde vem esse poder curativo da arte?

Acredito que esse poder exista não só para mim, mas faz parte do que a arte significa no sentido puro da palavra. A arte faz a gente sentir o que é inefável. Em algum lugar, eu sempre entendi que eu não tinha culpa do que tinha acontecido comigo e que eu era uma vítima – e, em terapia, o meu maior desafio era realmente introjetar isso na minha cabeça e entender que eu não era o que fizeram de mim naquele momento. Eu deveria entender o que eu faria da minha vida a partir disso, já que eu não poderia mudar o que aconteceu. Tudo estava em um lugar racional e a arte enfiou os dedos nesse entendimento que eu tinha e aterrou bem fundo para as raízes da minha consciência. No momento que transformei todo esse discurso em dramaturgia e comecei a circular por vários espaços, inclusive teatros não convencionais, em lugares com meninas que não assistiriam ao espetáculo, tudo se fincou com mais firmeza na minha cabeça e comecei a entender melhor. A arte me deu um apontamento do que fazer com isso e de uma maneira prática: "O que vai ser da minha vida convivendo com essa parada?". Tive que encontrar esse lugar de poesia e ludicidade para transformar em algo que realmente mudasse a vida das pessoas.

A terapia e a religião também são dois pilares muito importantes para você. Como diria que elas te ajudam a enfrentar os dilemas internos e, ao mesmo tempo, a vida exterior?

Me ensinam muito sobre o silêncio que, às vezes, é tão difícil na minha cabeça. Minha fé, meu autocuidado e minha saúde mental me ajudam a não me sentir aflita quando estou sozinha. Me ajudam a entender o lugar de solidão no meio da solidão, porque acho que as duas coisas podem se misturar, pelo menos para mim, que tenho os momentos mais difíceis de saudade.

Falando em saúde mental, como é a sua relação com as redes sociais?

Eu sou muito espontânea, mas meio *overthinking* por natureza, então sempre pensei demais antes de postar nas redes sociais, seja com 800 seguidores ou com 80 mil. Geminiana, né? [risos]. Sempre penso em várias perspectivas diferentes e ultimamente acho que só deu uma exacerbada nisso. O que tenho ficado mais atenta, na verdade, é sobre o tempo que preciso ficar sem postar absolutamente nada. Faço o exercício de desinstalar os aplicativos que mais uso para ficar 24h sem usar. É bom para ver quais são as relações reais e quais não são. Se você fica o tempo todo lendo comentários do tipo "você é maravilhosa" ou "você é um lixo", acaba acreditando que é uma coisa ou outra. O tempo sozinha me ajuda a entender e a encontrar o equilíbrio entre as duas coisas.



Malha de metal, Daniela Cutait

Vestido, Susana Fernández. Na página ao lado, escultura crocheteda usada como top, Daniela Cutait







Top, **Normando**

Direção de arte: Ste Sangi.
Beleza: Angel Moraes.
Direção executiva: Octavio Duarte. Produção executiva: André Faria, Clara Leite e Patrick Ferreira. Produção de moda: Melina Passaglia, Jhone Ferreira e Leylane Martins. Assistentes de fotografia: Franklin Almeida, Marcelo Cucatti e Marina Scanavez. Assistente de beleza: Thata Santa Rosa.
Unhas: Iracema Leite.
Tratamento de imagem: Teu Freitas (Telha).
Agradecimentos: Naturescer Eco Resort e Iralde Beauty Care

Você também é muito ligada à música. Já sentiu vontade de se arriscar nesse caminho?

Me coloco nesse lugar apenas como personagem. Em *Guerreiros do Sol*, interpreto uma personagem que canta e toca sanfona; em *Inkubus*, era uma musicista de rua, que tocava violão e cantava para ganhar uns trocados; e, em *Cangaço Novo*, cantei uma versão de "Espumas ao Vento" que entrou em uma cena bem emblemática do episódio 5. Quando ela foi ao ar, foi uma loucura, porque entrou em playlists e teve um número expressivo de audições; mas, novamente, eu estava munida da personagem, tanto que fui gravar com o anel de Dinorah para entender que estava ali como ela. Eu sozinha em cima do palco? Não. Tem uns amigos que me perguntam o que preciso para seguir por esse caminho e eu respondo: autoestima [risos].

Tem se falado muito em um resgate de histórias que colocam o Nordeste como protagonista. Você sente que está acontecendo esse movimento recente?

Os olhares têm se voltado mais para o Nordeste nesses últimos tempos. O filme *Bacurau*, para mim, inaugurou uma coisa muito importante que é encontrar alegorias do que é pop e contemporâneo dentro desse sertão que as pessoas julgavam ser apenas rachado, laranja e arcaico. Existe um movimento estético que trouxe isso e um discurso político muito forte e afirmativo dentro dessa pauta de pedido de fim da xenofobia. O fim dessa homogeneização que colocam a gente. Ao longo dos últimos anos, não só o audiovisual, o teatro e as demais expressões artísticas têm contribuído para isso, mas as pessoas também têm se sentido aptas discursivamente e se munido desse entendimento político do que é o Nordeste, para falar e apontar o que não querem mais ver.

Tempos atrás, você declarou que não gostava do que via no espelho. Como foi essa virada? E como está essa relação?

Vem acontecendo aos poucos. Eu tenho recuperado a minha autoestima ultimamente pela resposta dos fãs. Depois de *Cangaço Novo*, senti uma confiança maior porque, até então, não tinha feito um trabalho tão grande, que alcançasse tanta gente. Eu penso: "ok, posso não estar bonita, mas pelo menos a Liniker me mandou uma mensagem falando que assistiu ao *Cangaço*, que amou e que eu sou linda [risos]". Estou tentando acreditar um pouco mais em mim. Acho que tenho procurado não ter vergonha de me vestir da forma como me visto e de adicionar alguma informação de moda, que é algo que sempre gostei. Eu tenho, de uma maneira mais consciente, me obrigado a não ter vergonha de querer estar bonita, porque eu mereço me sentir assim e tenho me olhado com um pouquinho mais de carinho.

E você diria que o ideal de beleza vendido pela mídia te afetou de alguma forma?

Com toda certeza, porque lembro de quando era pequeninha chorando pedindo para a minha avó alisar meu cabelo. Lembro também da minha transição capilar, de raspar o cabelo em 2016 e achar que o mundo tinha acabado, porque é outra forma de ser vista pelo mundo, né? Sem a máscara. São várias memórias não muito agradáveis. Mas estou aqui, em pé; com alguns machucados, mas na busca de reparar isso.

Como você enxerga o afeto hoje? E como está sua relação com ele?

Surpreendente. Realmente tem rolado uma enxurrada de coisas bonitas e positivas que eu não esperava. Para além da minha família, que sempre me deu suporte de uma maneira incondicional, e da minha companheira, Chica Caldas – que, além de ser criativa e uma grande diretora de arte, é parceira e um lugar de descanso e de cuidado para mim –, tem as pessoas que apareceram na minha vida e que têm me mostrado que meu sonho não é uma loucura, sabe? Não é maluquice, não é um devaneio. Porque eu tinha muito medo de sair de Natal, perder a essência do meu lugar dentro de mim, e olhar para tudo e pensar: "Caramba, joguei tudo para o alto e vai dar errado". Também tinha muito medo de ser odiada por causa da personagem e o que tem acontecido é o extremo oposto disso. Quando saí para fotografar este ensaio editorial, por exemplo, não tinha realizado que era realmente a capa da *Glamour*. É muito emocionante tudo o que está acontecendo e afaga a minha criança insegura, que morria de medo de abandono.

Você costuma estabelecer metas? Como gostaria de estar daqui a alguns anos?

Eu estabeleço metas, mas tento ser muito maleável para não pitar com a frustração se algo der errado. Meu sonho, antes de tudo, era me manter como atriz, roteirista e diretora, e conseguir ter minha independência e não passar fome. Agora que atingi esse objetivo, tenho outros desejos profissionais que espero alcançar, mas sem muita pressão de ter que acontecer agora. Sempre sonhei com o cinema hispanohablante; em expandir a minha capacidade artística e entender como seria encenar um espetáculo ou estar em um projeto audiovisual falando outro idioma. O que sobra quando tira esse Brasil de mim? É um trabalho muito difícil, mas que já estou estudando porque espero realizar num futuro próximo. Pessoalmente, não tenho essa meta estabelecida [risos]. Ano que vem, estou pedindo só uma casa. Ter um lugar para morar com quadros na parede; chega de viver em hotel. 🏠